

# **A REAFIRMAÇÃO DO LUGAR NA GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DO CONCEITO DE SOLIDARIEDADE GEOGRÁFICA.**

## **THE REASSERTION OF PLACE IN THE CONTEMPORARY GEOGRAPHY BY MEANS OF GEOGRAPHIC SOLIDARITY CONCEPT.**

Márcia Brito Nery Alves  
Universidade Federal de Sergipe – UFS  
Universidade Federal de Sergipe, Núcleo de Pós-graduação em Geografia  
Av. Mal. Rondon, s/n, Bairro Rosa Elze, 49100-000 São Cristóvão/SE – Brasil  
marcia.bna@gmail.com

Carley Rodrigues Alves  
Universidade Federal de Alagoas – UFAL  
Campus Arapiraca  
Campus Universitário, BR 101 Norte - Km 97  
Tabuleiro do Martins, 57072-970 – Maceió/AL – Brasil  
carley.alves@gmail.com

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo parte do reconhecimento de que a despeito da ênfase atual em lógicas que apontam soluções na direção da totalidade, seguindo o espírito geral e universalizador da ciência, ainda não há previsão para uma teoria geográfica unificadora. A ciência geográfica, muito embora o êxito obtido na promoção de uma visão integradora da superfície terrestre, não soube resolver os problemas metodológicos e epistemológicos da relação entre os dois grandes domínios da realidade que constituem seu objeto de estudo: a sociedade e a natureza.

A Geografia, para além de uma teoria do espaço, revela-se cada vez mais, na atualidade, como uma filosofia de vida, uma ideologia do cotidiano, ou, tão simplesmente, enquanto contemplação estética da paisagem. Daí concluir-se facilmente que a Geografia é, nas mesmas proporções, ciência, filosofia e arte. É através do conceito de lugar que a Geografia realiza a integração das dimensões da realidade. Neste sentido, o lugar é, por excelência, a zona de realização do espaço geográfico.

Não resta dúvida sobre o papel que o lugar exerce no seio da ciência geográfica. O lugar é a síntese mais significativa da relação sociedade/natureza. Dos aspectos psicológicos aos geográficos que cercam a noção de lugar, traduz-se na unidade espaço-tempo mais representativa da presença humana na superfície do Planeta. Ao analisar a obra de Milton Santos, Moreira (1999, p.151), conclui afirmando que [...] *com o risco de reduzi-la ao essencial, não erraria em dizer que a teoria do espaço de Milton Santos fundamentalmente é uma teoria do lugar.*

O lugar é, antes de tudo, um ponto de vista e de referência sobre o mundo. Neste sentido, para Tuan (1975, p.151), a geografia estuda os lugares sob duas óticas: a do *lugar como*

*localização, uma unidade contendo uma hierarquia de unidades no espaço; e o lugar como um artefato único.* (tradução nossa). O lugar é material e potencial. Uma realidade em permanente construção. Por esta razão, Milton Santos (1996) afirmaria que os lugares também são processos à procura das formas.

Segundo Silva (2007, p.20), *a conceituação de lugar parte do entendimento de que ele permite análises mais localizadas, no tempo e no espaço [...], pois é ele que representa a dimensão do espaço mais próxima seja para o indivíduo, seja para a coletividade.* De outra maneira, significa dizer que, o lugar reafirma a importância do espaço para a sociedade enquanto palco da realização individual e coletiva.

O lugar enquanto ponto de vista realiza uma miniaturização do mundo, constituindo-se em um ponto do holograma. Para Morin (1999), a metáfora do holograma faz referência a metapontos de vistas, por meio dos quais é possível enxergar o cenário como um todo a partir de um lugar distante. Na verdade, o desejo de ver a totalidade a partir do lugar foi um dos maiores sonhos da humanidade. Segundo Harvey (1993, p.224), *Ptolomeu imaginava como o globo como um todo seria visto por um olho humano que o visse de fora.* A partir do lugar é possível ter uma visão integrada do espaço. O Aleph é, na mesma proporção do holograma, uma excelente metáfora do lugar. Na ficção de Borges (2001), *O Aleph é um dos pontos do espaço que contem todos os pontos.*

Enquanto fusão entre as coisas extremamente próximas àquelas extremamente distantes dos homens, o lugar é um fenômeno complexo que se manifesta na paisagem. É o ponto de materialização do que se tem e o alicerce de aspirações futuras. Para Santos (2005, p.161) *no lugar estamos condenados a conhecer o mundo pelo que ele já é, mas, também, pelo que ainda não é. O futuro, e não o passado torna-se a nossa âncora.*

O lugar qualifica a distância e mantém por meio da idéia de extensão e continuidade, estreita relação com o homem. Para Fremont (1982, apud HOLZER 1999), lugar e distância são polaridades representativas da *relação mais simples entre dois lugares ou entre dois homens.* Para este autor existem cinco tipos de distância: *distância métrica, distância tempo, distância afetiva, distância ecológica, distância estrutural.* Neste diálogo, por um lado, o lugar assume as características de uma extensão multidimensional do corpo humano; por outro, representa um nível de organização consciente do meio.

Esta antropomorfização dos lugares, defendida por autores como Leite (1998, p.12), para quem os [...] *lugares devem ser considerados como pessoas e as pessoas como lugares,* revela o caráter fundamental do lugar - uma criação do homem, a sua imagem e semelhança. Jules Michelet (1875) atribui ao lugar uma personalidade geográfica. Para Alves (2006) esta personalidade geográfica do lugar é uma personalidade antropológica.

**Teoria do lugar ou teoria da vida ?!**

A despeito das múltiplas conceituações que o lugar possa assumir, neste artigo, lugar é considerado enquanto sinônimo de vida. Portanto, qualquer teoria do lugar deverá ser também uma teoria da vida. Mas, para que mais uma teoria da vida?! A resposta para esta questão é ampla o suficiente para justificar a existência humana no mundo. Para Carlos (1994, p.303), *No lugar emerge a vida, posto que é aí que se dá a unidade da vida social*. O indivíduo, a sociedade e o meio são os termos definidores da identidade territorial, enquanto uma das dimensões existenciais essenciais e imprescindíveis da vida. A importância da dimensão espacial do lugar na vida social é destacada por Holzer (1999, p.76):

Proponho que se defina o lugar sempre como um centro de significados e, por extensão, um forte elemento de comunicação, de linguagem, mas que nunca seja reduzido a um símbolo despido de sua essência espacial, sem a qual torna-se outra coisa, para a qual a palavra “lugar” é, no mínimo, inadequada.

Seria razoavelmente lógico afirmar que na dimensão do cotidiano, lugar e vida são realidades que dispensam teorias. Todo esforço analítico sempre deixa seqüelas ou mutilações que, via de regra, destroem a vida. A opção por soluções filosóficas tais como: *o homem é a consciência do lugar*; ou ainda: *o lugar é autoconsciente*. Também tem reduzido a realidade complexa do mundo vivido a esboços de ontologias do lugar, e, quando muito, a capítulos introdutórios de uma teoria geral do conhecimento geográfico, que ainda não existe.

Michel Serres (1994 Apud ALVES, 2006, p.8) ao analisar a importância do lugar para a vida, suscita questões existenciais intrigantes: *O que é a vida? Não sei. Onde é que ela habita? Ao inventar o lugar, os seres vivos respondem a esta questão*. O lugar, neste contexto, passa a se exprimir enquanto valor qualitativo da dimensão geográfica do ser humano.

Para Marc Augé (1994, p.149) o que se convencionou chamar de *crise de identidade* na pós-modernidade, é na verdade uma *crise do espaço* ou ainda uma *crise da alteridade*. Para o Autor, a supermodernidade é produtora de não-lugares, ou seja, espaços destituídos de identidade. Segundo Rieth (1995, p.270), para Augé, *através dos não-lugares se descortina um mundo provisório e efêmero, comprometido com o transitório e com a solidão*.

### **Um lugar para a geografia da solidariedade**

Em 1913, com a publicação do XXII volume dos Annales de Géographie, La Blache (1913) afirmaria no artigo *Des Caractères Distinctifs de la Géographie - A geografia é a ciência dos lugares e não dos homens*. Mas, o que seria dos lugares se não fossem os homens? Segundo Suertegaray (2001, p.2) *esta visão (de La Blache) modifica-se com o tempo, em parte devido a*

*aproximação da Geografia com a Sociologia, a exemplo de Pierre George, e da Geografia com a Economia e a Ciência Política, a partir do materialismo histórico.* Não resta dúvida, a aproximação da Geografia com a Sociologia trouxe importantes contribuições para a compreensão do papel da Geografia enquanto ciência da sociedade.

Segundo Claval (2000, p.5) existem pelo menos três grandes compreensões de lugar: a) *O lugar dos geógrafos é inicialmente um ponto de interseção de duas linhas, aquela que define sua latitude e aquela que define sua longitude*, ou seja, uma geografia da localização. b) *Paralelamente a esta visão geométrica da Terra, a maioria dos geógrafos tenta descrever os lugares. Mas quais aspectos reter como pertinentes*, ou seja, uma geografia empírico-descritiva. c) Por fim, *A explosão dos trabalhos relativos aos sentidos dos lugares, 'the sense of place', no início do século XIX [...]*, inaugura uma vertente de análise psicológica e psicossocial na geografia contemporânea.

No prefácio do livro *Os Lugares do Mundo. A Globalização dos Lugares*<sup>1</sup>, organizado por Gonçalves, Silva e Lage (2000), são destacados dez pontos fundamentais para a compreensão do espaço geográfico diante do processo de globalização. Destaca-se o décimo ponto – *uma nova Geografia como geradora de solidariedade e de esperança para o mundo, frente a geografias perversas e seletivas*. Nesta perspectiva, e face à globalização contemporânea, Souza (2000) convida os geógrafos a realizarem *uma necessária reflexão sobre a geografia da solidariedade*.

Antes mesmo de tentar analisar a forma da espacialização da solidariedade e qual a importância deste fenômeno para a Geografia, destaca-se o conteúdo semântico da palavra solidariedade. O Novo Dicionário Eletrônico Aurélio (2004) lista oito significados para o substantivo *solidariedade*. Dentre eles destacamos três: a) *laço ou vínculo recíproco de pessoas ou coisas independentes*; b) *sentido moral que vincula o indivíduo à vida, aos interesses e às responsabilidades dum grupo social, dum país, ou da própria humanidade*; c) *relação de responsabilidade entre pessoas unidas por interesses comuns, de maneira que cada elemento do grupo se sinta na obrigação moral de apoiar o(s) outro(s)*. É interessante ressaltar que os três significados destacados trazem o sentido de vínculo positivo, vínculo moral ou vínculo de responsabilidade entre um grupo de pessoas ou, até mesmo, com relação à humanidade como um todo.

Para além das questões puramente semânticas é preciso considerar o significado de solidariedade a partir do papel do homem em sociedade, o que interessa a Geografia, e, de certa forma, as humanidades como um todo. Ou seja, a forma como a vida social se realiza no espaço-tempo do lugar. A percepção, os valores e as atitudes das populações no meio em que vivem.

---

<sup>1</sup> Prefácio do livro “Os Lugares do Mundo. A Globalização dos Lugares”, por ocasião do I Encontro Internacional de Geografia da Bahia, realizado pelo Departamento e pelo Mestrado em Geografia da Universidade Federal da Bahia, na cidade de Salvador, de 08 a 11 de junho de 1997.

A importância da solidariedade foi central no X Encontro de Geógrafos da América Latina<sup>2</sup>. O evento teve como tema: Por uma geografia latino-americana: do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade. Para Molina (2005, p.167), a partir do X EGAL, *certamente, um passo foi dado no sentido de se repensar os conceitos centrais da geografia e as possibilidades de um futuro fundado em uma nova solidariedade.*

### **Da Solidariedade Social para a Solidariedade Geográfica**

Pierre George (1969) produziu um profícuo ambiente de interdisciplinaridade entre a geografia e a sociologia. Analisou em suas obras, a forma como a ação do homem sob diferentes circunstâncias e técnicas diversas permitiu aos seres humanos configurarem seu território de acordo com as suas necessidades. No livro *Sociologia e Geografia* o Autor vê no trabalho, uma dimensão da ação humana, *a priori* relacionada com a elaboração de meios para a sua existência. Posteriormente, face às exigências do trabalho e a sujeição de suas modalidades sobre a vida dos indivíduos, passa a ter um papel decisivo na edificação do mundo do trabalho e de todas as suas derivações.

É incontestável a contribuição de Pierre George para a Geografia, principalmente, ao construir este ambiente de interdisciplinaridade que permitiu a migração de conceitos de outras áreas do conhecimento, como o conceito de solidariedade social elaborado por Émile Durkheim. A obra deste sociólogo é essencial para a compreensão da sociedade, dos fatos sociais e da vida social. A Geografia enquanto ciência da sociedade deve, em muito, a contribuição deste pensador.

O tema da solidariedade é profundamente explorado por Durkheim. Para Ele, *o estudo da solidariedade concerne à sociologia. É um fato social que não se pode conhecer bem senão por intermédio de seus efeitos sociais.* (DURKHEIM, 2006, p.31). Em sua obra *Divisão do Trabalho Social*, o Pensador critica o individualismo utilitarista dos economistas, chegando a afirmar que a vida econômica não nasceu da vida individual, porém o contrário disto. No livro, o Autor se dedica a compreender como os indivíduos se organizam para constituir uma sociedade. Para ele, é fundamental que se estabeleçam laços de solidariedade entre os indivíduos. Em suas análises, classificou a solidariedade em dois tipos fundamentais: a solidariedade mecânica e a solidariedade orgânica. O prefácio da edição francesa do *Divisão do Trabalho Social* (Ibid.) apresenta a problemática que Durkheim vai perseguir no decorrer de seu estudo:

Quanto à questão que tem sido a origem deste trabalho, é aquela das relações da personalidade individual e da solidariedade social. Como se fez

---

<sup>2</sup> Evento realizado entre os dias 20 e 25 de março de 2005, no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

que, se tornando mais autônomo, o indivíduo depende mais diretamente da sociedade? Como ele pode ser ao mesmo tempo mais individualista e mais solidário? Caso seja incontestável que estes dois movimentos, por tão contraditórios que pareçam, se persigam paralelamente. Tal é o problema que nós nos colocamos. Nos parece que o que resolveu esta aparente antinomia, é uma transformação da solidariedade social, devida ao desenvolvimento contínuo.

A solidariedade mecânica, em Durkheim, é concebida como solidariedade por semelhança. Quando os indivíduos diferem pouco dentro de uma determinada sociedade, predomina este tipo de solidariedade. Todos se assemelham e experimentam os mesmos sentimentos e valores. Há uma coerência na sociedade porque os indivíduos ainda não se diferenciaram.

A solidariedade orgânica parte do pressuposto que cada indivíduo desempenha uma função na sociedade que lhe é própria e que o diferencia dos demais membros. Na medida em que a divisão do trabalho se consolida nas sociedades modernas a solidariedade orgânica passa a ditar a forma da organização social. Segundo Quaresma (2005, p.87):

O encontro de interesses complementares cria um laço social novo, ou seja, um outro tipo de princípio de solidariedade, com moral própria, e que dá origem a uma nova organização social, sendo seu fundamento a diversidade. A solidariedade orgânica implica uma maior autonomia, com uma consciência individual mais livre.

É preciso não perder de vista que nada é absoluto. As idéias de Durkheim voltadas para o universo social, como a noção de *solidariedades sociais*, possuem limites conceituais e alcance limitado no espaço e no tempo.

Milton Santos (2005), pesquisando por bases espaciais para a solidariedade, amplia o conceito de Durkheim, produzindo a noção de *solidariedades geográficas*. Analisando a relação local/global, o Autor, encontra no lugar o *locus do acontecer solidário*, abrindo as perspectivas para uma geografia da solidariedade. Para Santos (1996; 2000) seria necessário alterar a base técnica e seu uso, enquanto criação para a circulação de capital, objetivando veicular novos valores, ou seja, valores humanos, o que permitiria uma efetiva integração de laços culturais distintos.

A solidariedade geográfica é um princípio regulador das relações entre os homens de um mesmo lugar, e entre os lugares. É uma solidariedade, *a priori*, social. Neste sentido, é interessante destacar o conceito de solidariedade de acordo com a definição sociológica do Dicionário Michaelis:

Solidariedade é a condição grupal resultante da comunhão de atitudes e sentimentos, de modo a constituir no grupo unidade sólida, capaz de resistir às forças exteriores e mesmo de tornar-se ainda mais firme em face da oposição vinda de fora. (ALMEIDA, 2007, p.68)

Segundo Ribeiro (2002), a obra de Milton Santos contribuiu para precisar o fenômeno da globalização. Mas o autor queria mais. Ele chegou a propor uma outra globalização, baseada na solidariedade, embora reconhecesse que ela afetou a cultura atual.

Dentre o conjunto das idéias brilhantes de Milton Santos, Elias (2002) destaca o conceito de solidariedade geográfica - *a força da solidariedade organizacional destruindo a solidariedade orgânica*. Na tentativa de elucidar a questão, parte-se do pressuposto que a solidariedade orgânica relaciona-se com uma ordem local, com horizontalidades. Por detrás do conceito de solidariedade organizacional está atrelada a razão global, ou seja, a forma como as redes agregam valor ao território, principalmente, por meio da circulação de informação. Decorre daí, uma tentativa explícita de encontrar bases espaciais para os fenômenos sociais, em sua intencionalidade e materialidade.

No estudo intitulado: Novas dinâmicas socioeconômicas e territoriais no Baixo Jaguaribe (CE), Gomes, Elias e Pequeno (2005), utilizando o conceito de Milton Santos de solidariedades geográficas, afirmam que a região estudada se constitui num *ponto luminoso* de produção de frutas no Nordeste, deixando de ser *produto da solidariedade orgânica, localmente tecida*, para ser resultado da *solidariedade organizacional*. A solidariedade organizacional aparece como um imperativo para os lugares no modelo atual de globalização econômica. Neste sentido, Teixeira Neto (2002, p.14) afirma que:

[...] o que ainda se pode denominar região – espaço das horizontalidades – deve sua constituição não mais à solidariedade orgânica criada no local, mas a uma solidariedade organizacional literalmente teleguiada e facilmente reconsiderada. A dinâmica dos espaços da globalização supõe adaptação permanente das formas e das normas.

Os padrões culturais secularizados na forma dos gêneros de vida clássicos, construídos ao longo de um processo histórico fortemente vinculado ao isolamento dos lugares, reconfiguram-se e readaptam-se em um ritmo intenso ao que se convencionou denominar de cultura global, ou simplesmente globalização cultural. Do ponto de vista macroeconômico, amplia-se às desigualdades regionais e, no interior das regiões, ampliam-se às diferenças entre as cidades e as áreas agrícolas. Segundo SANTOS (1998, p.20):

O papel que as cidades deste “Brasil Agrícola” cumprem na cadeia de fluxos econômicas é funcionalmente distinta daquelas cidades do “Brasil Urbano”. Nas primeiras, desenvolve-se uma maior “solidariedade localmente tecida” – uma expansão regional movida por atividades locais - do que nas últimas, mais passíveis de desenvolverem maior solidariedade

organizacional” - isto é, representam elos de cadeias extra-locais de fluxos econômicos [...].



## Espaços de solidariedade

Espaços de solidariedade pressupõem a territorialidade de um tipo de relação interpessoal nos espaços de vida, com inúmeros desdobramentos na vida social, que sinteticamente costumam ser apresentados como uma dimensão da cultura local. A tensão na atualidade entre o que se convencionou chamar de cultura local e globalização, espaços locais e espaço global, ou, tão simplesmente, local e global, vem desqualificando o papel do homem, reduzindo a sua importância e centralidade.

A noção de solidariedade é fundadora do espaço geográfico. Indica associação, correspondência, equivalência, entre os fenômenos da superfície terrestre. A idéia de totalidade também comporta a noção de solidariedade. Ou seja, o todo abstrato formado pelas partes reais, concretas, que se solidarizam, nesta perspectiva. Para La Blache (1913, p.289),

A Geografia compreende, por definição, o conjunto da Terra. [...] A idéia de correspondência, de solidariedade entre os fenômenos terrestres, penetrou e tomou corpo, muito lentamente na verdade, porque se tratava de apoiá-la sobre fatos e não sobre simples hipóteses.

Esta perspectiva de valorização da dimensão espacial da solidariedade social equivale a buscar na dimensão abstrata do mundo, espaços de solidariedade concretos e reais no lugar. Não obstante a compreensão de que *a apresentação da espacialidade concreta está sempre envolta nas representações complexas e diversificadas da percepção e cognição humanas, sem nenhuma necessidade de uma correspondência direta e determinada entre as duas.* (SOJA, 1993, p.149), este Autor considera que, *a espacialidade é um produto social consubstanciado e reconhecível, parte de uma “segunda natureza” que incorpora, ao socializá-los e transforma-los, os espaços físicos e psicológicos.* E ainda, por outro lado, *como produto social, a espacialidade é, simultaneamente, o meio e o resultado, o pressuposto e a encarnação da ação e da relação sociais.* (Ibid.)

A noção de solidariedade geográfica, concebida enquanto “cimento” capaz de unir a dimensão social à dimensão espacial é de profunda relevância para a compressão do mundo vivido (MELGAÇO E SOUZA, 2003). Representa, em última análise, uma nova leitura do espaço geográfico, por meio de seu objeto clássico de estudo, a saber, a relação do homem com o meio e, por conseguinte, da sociedade com a natureza. Segundo Oliveira (2001, p.171), *sem admitirmos um elemento de solidariedade mecânica irreduzível na sociedade, ela deixa de ser sociedade, perde sua “alma” e a possibilidade do “sagrado”.* Ainda segundo o Autor:

Durkheim baseia toda sua esperança na validade do seu projeto na hipótese de que haja uma permanência no indivíduo do sentimento de superioridade do coletivo ou sagrado frente ao particular ou profano da mesma maneira que a solidariedade mecânica resiste à solidariedade orgânica. (Ibid.)

Para Souza (2005), Milton Santos teria pensado o território usado enquanto uma categoria essencial para a elaboração sobre o futuro. Segundo a Autora, ainda parafraseando Santos:

O uso do território se dá pela dinâmica dos lugares. O lugar é proposto por ele como sendo o espaço do acontecer solidário. Estas solidariedades definem usos e geram valores de múltiplas naturezas: culturais, antropológicos, econômicos, sociais, financeiros, para citar alguns. Mas as solidariedades pressupõem coexistências, logo pressupõem o espaço geográfico.

Esta forma exclusiva com que Santos concebe o espaço geográfico, resulta de uma raciocínio, *a priori*, que busca por marcos históricos e que recua as origens primeiras do espaço geográfico, remontando ao homem primitivo em sociedade. Ao fazer esta arqueologia, Santos (1996, p.18) argumenta que:

No começo dos tempos históricos, cada grupo humano construía seu espaço de vida com as técnicas que inventava para tirar do seu pedaço de natureza os elementos indispensáveis à sua própria sobrevivência. Organizando a produção, organizava a vida social e organizava o espaço, na medida de suas próprias forças, necessidades e desejos.

De forma complementar, segundo Carlos (2000, p.240), a corrente analítica que pensa o espaço geográfico como produto sócio-histórico *ilumina o fato de que as relações sociais se concretizam enquanto relações espaciais – o que liga de modo indissociável, num único plano, o cotidiano ao lugar*. Cotidiano este que, para Santos (1996, p.38) correspondia à *quinta dimensão do espaço*. Para Ele, o cotidiano *deve ser objeto de interesse dos geógrafos, a quem cabe forjar os instrumentos correspondentes de análise*.

Do ponto de vista das relações em nível do cotidiano, Lima (2002) utiliza expressões significativas como: *comunhão das idéias locais e solidariedade orgânica dos homens que se conhecem e trabalham juntos*. Na mesma direção, Thomaz Jr. (2005, p.23), acrescenta ao que denomina de *Léxico da Vida*, os vocábulos, *democracia popular, justiça, direitos humanos e solidariedade*. No entanto, segundo este mesmo Autor (ibid., p.18), predomina na atualidade uma anti-solidariedade:

Diante dos imperativos da desinformação, e dos demais instrumentos de controle ideológico sob comando dos setores hegemônicos da burguesia, do Estado, do grande capital, tem-se a prevalência da anti-solidariedade reinante no interior do universo do trabalho, dos movimentos sociais em geral, e da classe trabalhadora em particular.

É bastante oportuno ao geógrafo nos dias de hoje refletir sobre o seu papel na sociedade

enquanto agente de promoção da solidariedade. O lugar é uma categoria de análise que dá sentido prático ao papel do geógrafo. Por meio do estudo do lugar, das relações que operam no seu interior e das relações do lugar com os outros lugares é que o geógrafo pode efetivamente contribuir para uma transformação qualitativa na sociedade contemporânea, rumo à construção de uma cidadania plena.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Bartholo Jr. (1986, p.104), o modelo civilizatório, sobretudo o ocidental, fundamentado pelo *poder científico-tecnológico, se desenvolve na modernidade no interior de um 'vácuo ético' que potencializa o risco de auto-destruição do homem alienado de seu vínculo com a Natureza. A idéia do vínculo com a terra-mãe traz um sentido especial de pertencimento. A etimologia da palavra ética – do grego *éthos* que significa abrigo, morada – reforça um princípio de identidade do homem para com o Planeta. O lugar é concebido como a leitura geográfica desta identidade com a superfície terrestre (NOGUEIRA, 2002; ARCHELA; GRATÃO e TROSTDORF, 2004).*

O lugar enquanto representação do mundo e possibilidade exclusiva de realização da vida preserva amplamente o sentido de morada. Para Levinas (1980) *O nascimento latente do mundo se dá a partir da morada.* Desta forma, a identidade territorial é um componente complexo da dimensão geográfica dos lugares e das pessoas. Tuan (1980) desenvolve o conceito de topofilia para representar o vínculo do homem com o seu meio. Para o Autor, topofilia é *o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal.*

A crise de identidade e o vazio existencial são apontados com sintomas da quebra de vínculos do homem para com a morada (*éthos*). A reconstrução destes vínculos descortina horizontes de solidariedade e perspectivas de felicidade durável. SOUZA (2003, p.4) faz uma interessante reflexão sobre a felicidade que emerge da resistência dos lugares. Segundo a Autora:

Esta reflexão precisa ser levada adiante na Geografia, quando precisamos exatamente hoje, desvendar o sistema de ações, criador de paisagens que suportam dinâmicas territoriais e que dão vida aos lugares, esse espaço do acontecer solidário, da resistência, verdadeiro canteiro de uma felicidade que emerge, neste mundo novo, neste período popular da história, como chamou Milton Santos, estes novos tempos. Neles, felicidade tem uma outra cara e a beleza uma nova estética.

Para Agnew (1987), não obstante os seres humanos viverem na atualidade em um mundo

dominado por uma divisão internacional do trabalho, o lugar ainda preserva seu significado. O lugar é o princípio de desenvolvimento humano, o ponto de partida das transformações qualitativas e na formação moral dos seres humanos. Neste sentido, o lugar resiste às pressões políticas. Resiste ao território: a desterritorialidade, a multiterritorialidade e seus mitos. Como afirma Haesbaert (1994, p.214), [...] *mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e extremamente complexo.*

Neste contexto, associado ao processo de globalização, a solidariedade geográfica, como definida por Milton Santos (2005), vem reafirmar o papel do lugar como espaço da vida. O lugar capaz de restaurar os vínculos perdidos do homem com a natureza e do homem com o próprio homem. Preservar o lugar é, dessa forma, preservar a vida. A resistência do lugar é a resistência da vida. A resistência de homens e mulheres na luta pela sobrevivência e na busca por felicidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGIER, M. Distúrbios identitários em Tempos de globalização. Boletín de la AGE, N34, 2002.

AGNEW, J. Place and politics: the geographical mediation of state and society. Boston: Allen & Unwin, 1987. 267 p.

ALBUQUERQUE, E.S. de. O resgate da geografia regional por meio de um conceito político de região. In: GEOUSP,FFLCH/USP, N.9, junho 2001, pp.63-78.

ALMEIDA, J. C. Antropologia da Solidariedade. Notandum 14. Disponível em <http://www.hottopos.com/CEMOrOCFeusp/IJI> – Univ. do Porto 2007.

ALVES, C. R. Percepção climática e sobrevivência no planalto de Vitória da Conquista. Etnoclimatologia e saberes da tradição. Texto de qualificação. Seminário Doutoral I. Grecom – Grupo de Estudos da Complexidade. PPGED – Programa de Pós-Graduação em Educação: UFRN, 2006.

ARCHELA, R. S.; GRATÃO, L. H. B e TROSTDORF, M. A. S. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. Geografia – londrina – volume 13 – número 1 – jan./jun. 2004. Disponível em <http://www.geo.uel.br/revista>.

AUGÉ, M. Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BARTHOLO Jr., R. S. Os labirintos do silêncio: cosmovisão e tecnologia na modernidade. São Paulo: Marco Zero; Rio de Janeiro: Coppe/UFRJ, 1986. 139 p.

BORGES, J. L. O Aleph. São Paulo: Globo, 2001. 181p.

CARLOS, A. F. A. O lugar e as práticas cotidianas. In: GONÇALVES, N. M. S., SILVA, M. A., LAGE, C. S. Os lugares do mundo. A globalização dos lugares. Salvador: UFBA. Departamento de Geografia. Mestrado em Geografia, 2000.

- \_\_\_\_\_. O lugar no/do mundo. São Paulo. Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. O lugar: mundialização e fragmentação. In: SANTOS, M. (Org.). Fim de século e globalização. São Paulo: Hucitec, p.p. 303-309. 1994.
- CLAVAL, P. Geografia do Homem. Cultura-Economia-Sociedade. Coimbra: Livraria Almedina, 1987.
- \_\_\_\_\_. Les villes comme non-lieux: de l'architecture internationale au postmodernisme. In: GONÇALVES, N. M. S., SILVA, M. A. da, LAGE, C. S. (orgs.). Os lugares do mundo. A globalização dos lugares. Salvador: UFBA. Departamento de Geografia. Mestrado em Geografia, 2000.
- DIAS, L. C. Redes: Emergência e Organização. In: CASTRO Iná Elias et al. (Orgs) Geografia: Conceitos e Temas, Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1995.
- DURKHEIM, É. De la division du travail social [Document électronique] / Ce document est extrait de la base de données textuelles Frantext réalisée par l'Institut National de la Langue Française (INaLF).CNRS –Centre Nacional de la Recherche Scientifique. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/>. Acessado em 04 de agosto de 2006.
- ELIAS, D. Milton Santos: a construção da geografia cidadã. In: El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, disponível em <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm> [ISSN: 1138-9788], acessado em 07 de agosto de 2006. Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 30 de septiembre de 2002.
- GEORGE, P. Sociologia e Geografia. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1969.
- GIDDENS, A. Mundo em Descontrole. Rio de Janeiro: Record. 2000.
- GOMES, I. R., ELIAS, D. de S., PEQUENO, L. R. B. Novas dinâmicas socioeconômicas e territoriais no Baixo Jaguaribe (CE). Anais da 57ª Reunião Anual da SBPC, Julho/2005 - Fortaleza, CE, disponível em [http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/SENIOR/RESUMOS/resumo\\_1718.html](http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/SENIOR/RESUMOS/resumo_1718.html), acessado em 15 de dezembro de 2006 - Julho/2005.
- GONÇALVES, N. M. S., SILVA, M. A. da, LAGE, C. S. (orgs.). Os lugares do mundo. A globalização dos lugares. Salvador: UFBA. Departamento de Geografia. Mestrado em Geografia, 2000.
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização e as “regiões-rede”. Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia. Curitiba: AGB, pp. 206-214. 1994.
- HARVEY, D. A Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993.
- HOLZER, W. O lugar na geografia humanista, In: Revista Território. LAGET, UFRJ, ano IV, nº 7, jul/dez. Rio de Janeiro, 1999.
- LA BLACHE, V. As características próprias da geografia. Transcrito dos Annales De Géographie, 22 (124): 289-299, 1913. Título original: “Des caractères distinctifs de la Géographie”. Tradução de

Odete Sandrini Mayer. Disponível em <http://sites.uol.com.br/ivairr/lablache.htm>, acessado em 20 de janeiro de 2000.

LEITE, A. F. O lugar: duas acepções geográficas. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ. Volume 21 / 1998. P. 9-20.

LEITE, M. M. Retratos de Família. São Paulo: EDUSP, 2a ed., 2000.

LEVINAS, E. Totalidade e infinito. Lisboa: Editora 70, 1980.

LIMA, L. C. Produção do espaço, sistemas técnicos e divisão territorial do trabalho. Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales,

Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98

Vol. VI, núm. 119 (63), 1 de agosto de 2002.

MELGAÇO, L. de M. e SOUZA, M. A. A. De. Tecnologias da informação, violência e uso do território. Anais XI SBSR, Belo Horizonte, Brasil, 05 - INPE, p. 1875 - 1882. 10 abril 2003.

MICHELET, J. Tableau de la France. géographie physique, politique e morale. Ed. A. Lacroix et C. Librairie Internationale, Paris, 1875.

MOLINA, F. S. X Encontro dos Geógrafos da América Latina - Por uma Geografia Latino-Americana: do Labirinto da solidão ao Espaço da Solidariedade. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 17, pp. 165 - 167 , 2005

MOREIRA, R. A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção, obra de Milton Santos, 1996. GEOgraphia – Ano. 1 – No 1 – 1999. Resenha.

MORIN, E. O método 3: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre, Sulina, 1999, 287 p.

NOGUEIRA, A. R. B. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar In: PONTUSCHKA, N. N. Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002.

NOVO DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO versão 5.0. O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa corresponde à 3ª. edição, 1ª. impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI, O Dicionário da Língua Portuguesa, contendo 435 mil verbetes, locuções e definições. ©2004 - por Regis Ltda.

OLIVEIRA, A. C. F. de. A modernidade e a sociologia em Émile Durkheim. Comum - Rio de Janeiro - v.6 - nº 16 - p. 159 a 173 - jan./jun. 2001.

OLIVEIRA, A. R. Desenvolvimento territorial: sociabilidade, solidariedade e capital social. III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente, 11 a 15 de Novembro de 2005.

OLIVEIRA, A. U. de. A geografia das lutas no campo. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1990

QUARESMA, S. J. Durkheim e Weber: inspiração para uma nova sociabilidade, o neotribalismo. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), disponível em <http://www.emtese.ufsc.br>, acessado em 10 de dezembro de 2006. janeiro-julho/2005, p. 81-89.

RIBEIRO, W. C. Globalização e geografia em Milton Santos. In: El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 30 de septiembre de 2002. <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm> [ISSN: 1138-9788]

RIETH, F. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, de Marc Augé, 1994. Resenha. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, pp. 270-271, jul./set. 1995.

SANTOS, A. M. S. P. Reestruturação espacial e dinâmica econômica. Relatórios de pesquisa do projeto Crescimento Econômico e Desenvolvimento Urbano, desenvolvido na Diretoria de Pesquisas do IPEA pelo Núcleo de Estudos e Modelos Espaciais Sistêmicos - NEMESIS - com o apoio do MCT/FINEP/CNPQ/PRONEX. Janeiro, 1998.

SANTOS, M. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. Da totalidade ao lugar. Coleção Milton Santos, São Paulo: Edusp, 2005.

\_\_\_\_\_. Da totalidade ao lugar. São Paulo, EDUSP, 2005.

\_\_\_\_\_. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. São Paulo : Record, 2000

\_\_\_\_\_. Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico-informacional. 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SERRES, M. ATLAS . Paris: Éditions Julliard, 1994.

SILVA, V. de P. da. Grandes projetos e transformação no sentido de lugar. Caminhos de Geografia Uberlândia v. 8, n. 21 Jun/2007 p. 18 – 28. <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>.

SOJA, E. W. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

SOUZA, M. A. A de. O lugar de todo mundo – a geografia da solidariedade. In: GONÇALVES, N. M. S., SILVA, M. A. da, LAGE, C. S. (orgs.). Os lugares do mundo. A globalização dos lugares. Salvador: UFBA. Departamento de Geografia. Mestrado em Geografia, 2000.

\_\_\_\_\_. O retorno do território. OSAL - Observatorio Social de América Latina. Viernes, [http://osal.clacso.org/dev/article.php3?id\\_article=115](http://osal.clacso.org/dev/article.php3?id_article=115). 14 de octubre de 2005.

\_\_\_\_\_. Geografia, paisagens e a felicidade. Texto preparado para e apresentado no II Colóquio Internacional sobre a idéia de Felicidade. Mimeo. Fortaleza, 10 e 11 de março de 2003.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona - ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98 - N° 93, 15 de julio de 2001.

TEIXEIRA NETO, A. Reflexões acerca de região. Disponível em

[http://www.observatoriogeogoiias.com.br/observatoriogeogoiias/artigos\\_pdf/TEIXEIRA%20NETO%20\\_4\\_%20Antonio.pdf](http://www.observatoriogeogoiias.com.br/observatoriogeogoiias/artigos_pdf/TEIXEIRA%20NETO%20_4_%20Antonio.pdf) . Acessado em 20 de dezembro de 2006. Texto mimeo, 2002.

THOMAZ Jr., A. (Des)Realização do trabalho: se camponês, se operário! (repensar crítico sobre a classe trabalhadora no Brasil). Este texto é parte das reflexões proporcionadas pelo projeto de pesquisa “Reestruturação Produtiva do Capital no Campo e os Desafios para o Trabalho”, em nível de pós-doutorado, realizado junto à Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), com o apoio do CNPq, durante o período de outubro de 2004 a setembro de 2005.

TUAN, Yi –Fu. Place: an experiential perspective. *The geographical review*. 65 (2), pp. 151-165. 1975.

\_\_\_\_\_. *Topofilia, um estudo da percepção, atividades e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980. 288pp.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Lugar. A perspectiva da Experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difiel, 1983.